

Associação Nacional de História – ANPUH XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Territorialidades e reterritorialidades da memória: imigrantes portugueses em movimento.

Maria Manuela Alves Maia*

Resumo:

A reconfiguração da identidade de imigrantes portugueses, instalados na cidade do Rio de Janeiro, no pós-guerra, constitui o tema de análise deste trabalho. Ao longo de suas vidas esses atores sociais voltam, com alguma frequência, ao seu país de origem, restabelecendo contatos com parentes, antigos vizinhos e amigos. Temos por objetivo caracterizar traços identitários que os configuram nos encontros e reencontros empreendidos quando dos retornos ao local de origem, ou seja, às aldeias do norte de Portugal. Discutiremos, ainda, com base nos relatos colhidos segundo a metodologia da história oral, a experiência migratória desses portugueses, considerando suas visões do local de acolhimento e do lugar de origem, sempre reinventadas segundo estratégias de conservação da afetividade.

Palavras-chave: Memória – identidade – imigrantes portugueses – territorialidade.

Abstract:

This paper deals with identity reconfiguration of Portuguese immigrants settled in Rio de Janeiro during the post war period. These social actors frequently travel to their native country reestablishing contacts with relatives, old neighbors and friends. Our objective is to characterize those identity features revealed in their gatherings and reunions when they return to their native localities, that is to say, villages of the North part of Portugal. We will also discuss their migratory experience, based on the recounts, which have been collected using methodology of oral history. We will consider their points of view about both places: that one, where they settled, and the one they came from. Both opinions are usually reinvented as strategies of affectivity conservation.

Keywords: Memories – Portuguese immigrants – territoriality -identity

Configurando uma dupla relação o processo emigração/imigração envolve diferentes campos do saber sejam demográficos, históricos, sociais, políticos e culturais. Os atores deste binômio emigrante/imigrante sofrem certa ruptura identitária (SAYAD: 1998) Nesse sentido, analisar o processo de reconfiguração da identidade nos parece essencial para entender grupos de imigrantes portugueses que chegaram ao Rio de Janeiro após a segunda guerra mundial¹. Outra duplicidade é o fato de que grande parte da população que emigrou naquela época provinha das aldeias do norte de Portugal. Além da saída de um país para outro, passaram de um mundo rural para um mundo urbano (LOBO: 2001 p.23). Esse dado influenciou processos de incorporação sócio-cultural, especialmente a forma de inserção no mercado de trabalho.

* Professora da Faculdade M/J - Mackenzie-RJ e doutoranda da PUCSP-Ciências Sociais (Antropologia).

¹ Tese (em andamento) sob o título de Imigração e Identidade: um estudo entre famílias imigrantes portuguesas no Rio de Janeiro (1945-1974).

A decisão de emigrar é, geralmente, um ponto nebuloso e provoca contradições, pois a compreensão da situação histórica vivida em Portugal não é de fácil percepção para aqueles que a viveram. Assim, suas causas são vista de diferentes maneiras. Uns acreditam que escolheram, outros emigraram porque não havia opção de subsistência. Nebulosidades à parte concordam que procuraram outra forma de sobrevivência e melhores condições de vida. Com esse objetivo forjaram sonhos de enriquecimento e aventura. Ao mesmo tempo trouxeram na mala, como bem mais precioso, a lembrança de Portugal, muita saudade e a sensação de quem não fez boa opção.

A saudade da terra é um elemento que forja e/ou aprofunda o imaginário imigrante português e responsável pela memória mítica do local de origem. Amiúde é a partir da comparação com o Brasil que classificam Portugal (e muito mais a aldeia) como lugar ideal. Chegados à cidade do Rio de Janeiro, sofrem diferentes processos de adaptação à vida na cidade ao sabor das políticas emigratórias/imigratórias, que aqui distinguimos como duplo processo de desterritorialização. A questão que se impõe ao imigrante é de como evitar o desmoronamento psíquico e social dentro de tais condições?

Com fins de organização da exposição, proponho apontar para três direções que convergem no entendimento deste fenômeno: analisar a questão da territorialização/desterritorialização da memória; abordar os depoimentos dos entrevistados em relação ao imaginário do imigrante quando do retorno a Portugal e, por último, enfatizar a importância da memória para a reelaboração de identidade imigrante portuguesa. É fundamental perceber embates culturais e a dominância ou sobreposição de uma cultura, de um grupo ou de um indivíduo sobre o outro e possíveis estratégias de resistência ou preservação de elementos culturais, principalmente entre grupos menos privilegiados da sociedade.

Territorialização/desterritorialização da memória

Territorialidade indica, de acordo com Santos (1988), um domínio do território e apresenta uma infinidade de formas de se concretizar. Pode ser autodomínio cuja perda seria a desterritorialização o seu contrário. Num terceiro movimento teríamos a reterritorialização implicando o restabelecimento de uma outra ordem. Nessa lógica de pensar podemos arriscar e concluir que territorialidade inclina à ordem e leva ao sentimento de pertença. Sabemos

quem somos em relação ao lugar ou aquilo que chamamos de *nosso lugar, nosso lar*. Esse lugar indefinido idealizado é sempre referencial. Neste sentido territorialidade, identidade e memória são conceitos que se complementam. Para Santos, M. (1988) território abrange bem mais do que o simples aspecto de uma geografia física na medida em que abarca várias dimensões existenciais dos seres humanos. Podemos pensá-lo como uma interconexão de aspectos penetrados por elementos não só físicos, mas, sobretudo culturais e defini-lo de forma ampla possibilitando pensar o espaço a partir de sua historicidade e territorialidade. Significa entender o espaço “como resultado de um matrimônio ou um encontro sagrado enquanto dura, entre a configuração territorial, a paisagem e a sociedade” (SANTOS 1988:77).

Nesse sentido, a percepção dos imigrantes das razões da partida está ligada à construção ideológica do mito do português desbravador. O aprofundamento dessa questão leva, em contrapartida, a pensar o espaço ampliado, desdobrado para um tempo-espaço construído historicamente cujas raízes estão na industrialização e nas conseqüências das transformações do mundo agrário português. É uma vez que o mundo camponês torna-se uma realidade construída por pessoas concretas que sofrem as conseqüências imediatas de sua decadência, remete à ligação do imigrante com o processo de urbanização e modernização da vida do campo imposto pelo modo de produção capitalista. Estudos realizados por historiadores portugueses como Pereira (1988) mostraram que a saída dos portugueses do pós-guerra foi indicativo de que as promessas de progresso prometidas pela sociedade industrial, não foram cumpridas e a emigração resultou das distorções do desenvolvimento do capitalismo dependente:

“A emigração desempenhou um papel decisivo na diminuição da mão-de-obra camponesa semi-empregada, que o lento crescimento industrial não permitia absorver. Permitiu assim manter a reserva da força do trabalho a um nível equilibrado e evitar as conseqüências sóciopolíticas de seu crescimento desproporcionado em relação às possibilidades da estrutura agrária e industrial”. (Pereira: 2002, p.11)

Os Relatos Orais

Com base nos relatos colhidos segundo a metodologia da história oral, analisamos a experiência migratória considerando as visões do local de acolhimento e do lugar de origem reinventadas segundo estratégias de conservação da afetividade. Na percepção dos portugueses a emigração para o Brasil foi propícia porque de alguma forma estão unidos ao Brasil por aspectos culturais comuns. O passado histórico do descobrimento à colonização do

país, as semelhanças dos traços físicos, as vantagens de falar a mesma língua, ter a mesma religião etc. No entanto devemos reconhecer que essas características são obstáculos aos nossos estudos porque dificultam o reconhecimento e o auto-reconhecimento do português como imigrante, *o outro*. O fenômeno da diluição² na sociedade implica em os *imigrantes portugueses* serem ignorados enquanto estrangeiros. Esse dado é reafirmado em meu estudo porque, os imigrantes encontraram no Brasil uma *comunidade* estabelecida em geral em lugares onde tinham parentes ou conhecidos das aldeias em que viviam. Em tese, essa facilidade ou proximidade reduziria o distanciamento com os locais e reduz as questões relativas à identidade de *estrangeiro*.

Reportando-nos a Bérghson verificamos que a memória não se extingue. Ou seja, o total esquecimento sem retorno do passado é quase impossível, pois a possibilidade em lembrar está sempre presente. Bem próximo da idéia de memória em santo Agostinho, tudo está dentro de nós como essência. O trabalho da memória é verificar obstáculos que impedem a lembrança pois refazer aquilo que está diluído dentro de nós é necessário para a própria saúde do ser. Thompson (1998, p. 208) afirma que "recordar a própria vida é fundamental para o sentimento de identidade porque o processo de lembrar impõe um mergulho na própria vida e reordena as experiências, trazendo à tona semelhanças e diferenças". O contraste possibilita a reordenação e a reconstituição da identidade. Desse ponto de vista estão afirmações de que somos quando lembramos o que lembramos e o retorno do imigrante torna-se significativo porque o leva a emendar fios dispersos ou desfeitos, tecer relações que estavam lá, a reconstruir tempo e memória. São momentos que se complementam e conscientizam.

Tentamos caracterizar traços identitários que configuram encontros e reencontros empreendidos quando dos retornos ao local de origem e O "narrador colhe o que narra na experiência, própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história." (Benjamin: 1986 p. 60). O momento da partida é narrado pelos imigrantes de forma muito semelhante. A motivação parte de parentes ou vizinhos que ganharam dinheiro no Brasil emigrar é uma maneira de tentar mudar a sorte. Migram movidos pelo sonho de vir e fazer fortuna. Mas, o sonho logo se torna *dura realidade*. A desilusão começa no momento exato da partida porque sabem que talvez seja para sempre.

2 - De acordo com a análise de Carlos Lessa, a presença portuguesa no Rio de Janeiro atualmente não é estudada: "parece que o excesso de exposição gera a invisibilidade do banal. (Lessa: 2002).

Morando em Vilas distantes e de difícil locomoção os aldeãos saíam de suas casas uma e até duas semanas antes da partida definitiva e instalavam-se nas cidades portuárias. O senhor Aníbal Rouxinol torna-se frágil diante da emoção dessa lembrança. Conta que o navio que o levaria sairia da cidade do Porto:

Eu devia partir, mas não queria conversar sobre isso com minha mãe. Achava que não poderia falar sobre isso. Eu arrumei todos os documentos junto com meu pai, ela sabia que eu ia, mas não falava disso. No dia da minha partida eu dormi com a porta do meu quarto aberto para não fazer barulho e ela não acordar e me ver partir. Sai sem ela ver, sem saber ao certo que dia eu iria. Eu achei melhor assim, ela também. Era muito sofrimento. Você já pensou a gente sair sem saber se veria mais aquela pessoa, um filho, ou um parente? Era muito doloroso...

A viagem era difícil, geralmente na terceira classe do navio, durava entre 15 e 18 dias. A desilusão aumentava. Homens para um lado, mulheres do outro. A maioria adoecia e passava a viagem acamado com sérios problemas de saúde. Aníbal relembra os maus momentos que passou. Nelson Louzada também enfatiza a doença. Diz que estava muito enfraquecido e não comia e quase não conversava. Margarida estava grávida e escondeu o fato à junta de emigração porque se assim não agisse, não viajaria com o marido. Mas lhe acarretou sérios problemas. Em uma cabine dividida com outras mulheres sentiu os funcionários agressivos e diz que sofreu várias humilhações, agravando, cada vez mais, o seu estado. Ao chegar ao porto do Rio de Janeiro um senhor que viera para esperá-la com sua irmã disse:

Dêem comida a essa menina imediatamente porque ela vai morrer. Ela está muito debilitada. Ali mesmo ele mandou abrir uma das latas de sardinha portuguesa que eu estava trazendo para minha irmã e foi que comecei a comer. Enquanto estava no navio, 18 dias, não comi absolutamente nada.

O início da vida no Rio de Janeiro é de tristeza e desapontamento. Compromissos e promessas de trabalho que não se cumpriram, a família, embrutecida pelo processo emigratório pouco ajudava. Nelson conta que tinha o sonho de ingressar na *Cruzeiro do Sul*, lugar que lhe havia sido prometido e não veio nunca.

Um amigo me contou esta história de que eu seria chamado para trabalhar na Cruzeiro do Sul. O irmão dele que era chefe nessa companhia e me levaria para trabalhar. Era, mas isso dele me levar para trabalhar ele não sabia que era... mas eu perdi dois meses brincando nessa casa porque fiquei aguardando a chamada, acreditei nisso. Estava lá e podia aprender, mas não me interessei de aprender. Mas eu estava pensando na companhia da aviação. Um senhor de Braga, muito meu amigo, foi ele que me disse: olha vai ficando aqui, te firmando aqui, aprendendo, que ele jamais vai te levar para a Cruzeiro do Sul. Foi quando comecei a levar a vida a sério

Muitos não conseguem se adaptar, mas não pensam em retornar. Sentindo-se abandonado pela família e discriminado pelos brasileiros, Nelson caracterizou-se como um personagem triste...

Estava muito triste. Aqui já há seis meses e minha tia mandou uma carta dizendo que eu estava muito triste. Então ela me perguntou: ó Nelson estas gostando? Não, não é que eu não esteja gostando. Fiquei calado. Ela disse que, se eu quisesse me mandaria de volta. Eu disse que não, se eu quisesse iria com o meu dinheiro. Mas me magoou, meu pai soube que eu estava muito triste aqui. Porque eu era abandonado pela família daqui. Depois melhorou um pouco... Mas meu pai soube que eu estava passando maus momentos e eu recebi uma carta dele. Ele disse: - Olha meu filho, se você quiser vir a gente manda te buscar... E isso pegou!... eu fiquei muito triste (calado) Depois botei a vida para a frente. Eu sentia falta da família, dos colegas não tinha um ambiente. Tudo era diferente. . Imagina a saudade!

Havia o orgulho, a necessidade de lutar e de vencer para melhorar de vida. Afinal o sacrifício daqueles que se dispuseram a ajudar para que viajasse, não podia ser desprezado. Emigrar não era um projeto individual, mas de todos aqueles que acreditaram na viagem como uma forma de salvação da miséria que chegava a passos largos á aldeia. O imigrante não podia voltar atrás, porque o herói não pode fraquejar.

Dolores narra que ficava todos os dias chorando e que uma vizinha teve pena dela, ficava com seu filho pequeno e tentava alegrá-la até que a convidaram a trabalhar na feira e daí, sim, sua vida no Brasil tomou outro rumo. O trabalho funcionou como a forma mais efetiva de reestruturação. É através dele que as pessoas se (re) integram. Afinal vêm para ganhar dinheiro, para trabalhar e aterm-se ao trabalho com afinco total. Sem colocação no mercado formal trabalham *por conta própria* e é esse trabalho por conta própria, que acaba por ser motivo de orgulho, pois são vencedores na aventura que protagonizaram.

As pequenas fortunas que conseguem se fazem com um mínimo de lazer, ou fazendo do próprio trabalho o lazer. Economizam compraram a casa de moradia ou de comércio para serem patrões. Vê-se em muitos casos, que havia certa ajuda mútua para se estabelecerem. Os mais velhos ajudaram os mais jovens e tendo filhos estes trabalham nos negócios do pai ou da família extensa. Geralmente conservavam os mesmos costumes da aldeia onde nasceram e nos domingos reuniam a família e os amigos mais íntimos para o almoço. Ali, entre acordos econômicos e sociedades selaram amizades e lembraram Portugal. As festas, as músicas, os vinhos, os magustos, as folhadas, as sementeiras. Lêem e escrevem cartas para os parentes que ficaram em Portugal. Mantém acesa a memória, juntos

refazem histórias de suas vidas. Ao mesmo tempo constroem uma história de emigração do Portugal que deixavam e, dessa forma, matem-se vivos.

O Retorno

Refletir sobre o momento crucial da partida incomoda aos imigrantes, mas apreciam contar como venceram os obstáculos que a situação *imigrante* impõe e o retorno é descrito com euforia e riqueza de detalhes porque dar sentido a essa experiência é a grande preocupação dos imigrantes. Geralmente os imigrantes retornam a Portugal entre 10 e 15 anos de estadia no Brasil. Eles queriam ver a família, passear e, principalmente, mostrar aos que ficaram que esforço não foi vão. Por esse motivo só voltam quando realmente podem arcar com todas as despesas da viagem e da estadia. O senhor *Nelson narra sobre* a volta, hoje, a Portugal:

Quando eu vou fico em casa da minha irmã que não quer que eu vá lá para o norte (a aldeia). Quer que fique. Mas, eu sou do Minho. Eu gosto de estar no meu lugar... (eles não entendem) Eu sou como índio! Já me falaram: esse cara vem para aqui e não quer gastar dinheiro, eu estou bem de vida e você está com o meu emprego. Eu sou assim: precisa dar esmola para a igreja eu dou. Eu só quero sempre ir a Fátima. O que acho estranho lá é que e lá sou muito difícil, só na carreira eu agora para dar uma lição ao povo eu tenho uma herança para receber lá e meu primo, era meu procurador. ... Ele disse e era meu procurador então depois a minha mãe morreu, tinha uma herança para receber, tinha lá umas coisas e eu fui lá agora e dizia o meu dinheiro, dinheiro, dinheiro. Eu disse assim: Olha! Pega o dinheiro aí, se precisares gasta-lo, o gasta.

O sonho de voltar está sempre presente, mas não quer conviver mais com a família, nem com os vizinhos. Margarida passou 20 anos sem voltar a Portugal, quando o fez, como o papa, beijou o chão do lugar onde nasceu. Carlos, seu marido teve grandes problemas de readaptação ao voltar. Tentava diminuir as diferenças: *Lá não somos mais tratados como portugueses, somos chamados de brasileiros*. No cotidiano agia como se sempre fosse daquele local, como se não houvesse diferenças. Procurando se (re)afinar. No entanto a língua novamente era um obstáculo: *tinha a forma de falar, falava já sabia que era português imigrante*.

A reconfiguração da identidade

Embora o conceito de identidade possa se apresentar ambíguo devido à carga individualista que envolve o uso aqui está voltado para a subjetividade ou definir o grupo específico em estudo do ponto da psicologia social quando mostra que só podemos dizer

quem é uma pessoa ou grupo, quando levamos em consideração o seu relacionamento com *o outro*. Como disse Laing (1986. p.78). É na relação *eu e o outro* que se constrói a identidade do eu. Nesta perspectiva podemos perceber a dinamicidade do termo percebendo, nas narrativas, as diferentes impressões que o grupo estudado estabeleceu e mostrar que as idéias de *identidade* são forjadas pela via da construção de subjetividade contrastante em relação à identidade portuguesa, imigrantes e identidade brasileira.

Quando ao longo de suas vidas esses atores sociais voltam, com alguma frequência, ao seu país de origem, restabelecendo contatos com parentes, antigos vizinhos e amigos, o tempo já não é o mesmo. Passados quinze ou vinte anos, o Portugal que haviam conservado na memória certamente não existe mais. Existe uma ruptura, um vácuo que deve ser refeito, reelaborado. Como reagir às novas circunstâncias? Como vencer ou substituir o que lhes ficou na memória da vida que levaram até ao momento da emigração, pelo momento atual? Seria por esse motivo que Maria d'Assunção nunca mais quis voltar?

Não adianta as coisas já são muito diferentes e eu não quero mais mudar o que sei da minha terra. Prefiro ficar com as lembranças de lá. Conheço os caminhos, posso ver cada pedrinha do caminho que me levava para casa, o rio as árvores, os carvalhos, os pinheiros. Toda a noite vou a Portugal, em pensamento. Visito todos os lugares. Eu sei tudo sobre o meu lugar não preciso ir conhecê-lo. Aqui é que foi a minha vida. Portugal fica na minha imaginação é melhor ter essa lembrança.

Os imigrantes não têm mais identidade com o Portugal atual e sim com o que lhes ficou na memória. Por outro lado, não tem identidade com o Brasil e forjaram para si uma terceira possibilidade que seria *a identidade imigrante*. Um ser que tem suas raízes fincadas em um tempo que não existe mais. As estratégias para garantir a sobrevivência psíquica podem variar, mas são sempre necessárias e, nesse sentido, podemos concordar que as identidades seriam apenas *construções transitórias* como analisou Boaventura Santos (1994).

Pode-se concluir que a condição de imigrante está na base de todas as relações que compõe a vida destas pessoas e, portanto, marca a construção de sua personalidade. Estaríamos diante de uma Identidade de resistência a qual, como classifica Manuel Castells é criada por atores contrários à dominação atual, criando resistências com princípios diferentes ou opostos à sociedade? *A Identidade imigrante* passa a ser um projeto. Nas palavras desse mesmo autor é *quando os atores, usando a comunicação, constroem uma nova identidade para redefinir sua situação na sociedade*³.

³ CASTELLS, Manuel. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In Sociedade em Rede.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, W. *Documentos de cultura, documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix, 1986.
- BERGSON, H. *Matéria e Memória: ensaio sobre a relação corpo espírito*. Trad. Paulo Neves da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- LAINING, R. D. Identidade Complementar. In: *O Eu e os Outros: O Relacionamento Interpessoal*. Petrópolis: Vozes, 1986. P.78
- LESSA, Carlos. Rio, uma cidade portuguesa? In *Os lusíadas na aventura do Rio Moderno*. RJ/S.P. Editora Record, 2002 p 21-62
- LOBO, Maria Eulália L. *Imigração portuguesa no Brasil* São Paulo: Hucitec, 2002.
- PEREIRA, Mirian H. a política portuguesa de emigração (1850-1930) SP: EDUSC; Portugal: Instituto Camões, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Porto: Edições Afrontamento, 1994.
- SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988 p.77
- THOMPSON, O. *A voz do passado: história oral*, Rio de Janeiro: Vozes, 1992.